

O REMORSO NO PENSAMENTO DE LA METTRIE

Elizângela Inocência Mattos¹

Resumo: Em *O Homem-Máquina*, La Mettrie, trata da materialidade da alma e do corpo como uma máquina destinada a felicidade. Há nesse argumento um enfrentamento diante da compreensão da alma ser distinta dele, onde o médico-filósofo descreve que ela, como toda parte do corpo, seria afetada. O movimento do sangue no corpo a alcança e, quando o corpo dorme, ela dorme com ele. Esse argumento constitui o ponto de partida da presente exposição, que tem como objetivo compreender a origem do remorso em seu pensamento, se apresentando como uma reminiscência, como o resultado da experiência vivida. Em *Anti-Sêneca ou Discurso sobre a Felicidade*, o filósofo descreve a atuação da moral na máquina, de onde se propõe demonstrar o sentimento do remorso como um preconceito a ser combatido para o seu bom funcionamento. Cumpre demonstrar, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema no pensamento de La Mettrie, o sentimento de remorso e de sua origem, pois ao naturalizar a alma humana, justifica ser o remorso um sentimento adquirido e alheio a máquina.

Palavras-chaves: La Mettrie. Remorso. Alma. Felicidade.

REMORSE IN LA METTRIE'S THOUGHT

Abstract: In *L'Homme-Machine*, La Mettrie discusses the materiality of the soul and the body as a machine designed for happiness. In this argument he confronts the understanding of the soul as distinct from the body, where the physician-philosopher describes it as affected like every part of the body. The movement of the blood in the body reaches it, and when the body sleeps, it sleeps with it. This argument is the starting point of the present presentation, which aims to understand the origin of remorse in his thought, which presents itself as a reminiscence, as the result of lived experience. In *Anti-Sénèque, ou discours sur le bonheur*, the philosopher describes the functioning of morality in the machine, from where he sets out to demonstrate the feeling of remorse as a prejudice that must be fought in order for it to function properly. Based on a bibliographical review of the subject in La Mettrie's thought, it is important to demonstrate the feeling of remorse and its origin, because by naturalizing the human soul, he justifies remorse as an acquired feeling that is distinct from to the machine.

Keywords: La Mettrie. Remorse. Soul. Happiness.

Introdução

Julien Offray de La Mettrie (1709-1751) médico e filósofo, defendeu a teoria de ser o corpo uma máquina, em uma discussão que corresponde a uma resposta à Descartes no que se refere a alma humana e, ao empreender um reducionismo ao reconhecido dualismo mente corpo, compreende a felicidade como resultado do bom funcionamento da máquina corporal, de onde o sentimento do remorso seria um impedimento e causa de

¹ Professora da UFT e do Mestrado Acadêmico em Educação PPGE/ UFT. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6574-9173> . Email: elizangelamattos@uft.edu.br.

sofrimento. Cumpre discutir de que maneira o sentimento do remorso é abordado na obra de La Mettrie, justificando em sua postura uma realidade que se apreende na materialidade única do corpo.

Sua produção filosófica, realizada no curto espaço de tempo de 1745 a 1751, compreende uma obra de fôlego, em discutir com autores de seu tempo e consigo mesmo, mostrando o movimento inerente ao fazer filosófico como primordial para se pensar o avanço de teorias e o debate como fundamentais para a apreensão da realidade. Assim:

A trajetória descrita pelo pensamento lametrieano, tal como o circuito do arco reflexo, volta de preferência sobre ela mesma, permanecendo dentro de um campo onde justamente o próprio autor deve se posicionar. Mas o filósofo, o que quer que possa parecer, não será na verdade um 'homem revoltado'; ao contrário, como o próprio La Mettrie que queria evitar o caminho de Rousseau levando a ruptura e alienação, será sociável e boa companhia². (VARTANIAN, 1969, pp.162-163).

O tema da felicidade entre os pensadores da modernidade encontrou no materialismo francês do século XVIII uma roupagem que permite apreender o estatuto de verdade no que compete ao indivíduo e sua responsabilidade cotidiana. Nesse breve cenário, a filosofia de Julien Offroy de La Mettrie (1709-1751) se instaura como determinante na leitura materialista que, ao romper com o dualismo mente-corpo ora professado no século precedente, oferece como um efeito principal a possibilidade de felicidade centrada no corpo. A compreensão de como o filósofo descreve a felicidade a partir de sua teoria do homem como uma máquina permite não somente adentrar a discussão que os filósofos das luzes realizaram acerca da temática proposta, mas também em detalhar as possibilidades de edificar os elementos constituintes do humano a partir de sua configuração corpórea. As ideias de La Mettrie representam a veia radical do materialismo onde, a partir de seus estudos de biologia e fisiologia da época, defendeu ser a matéria suficiente para justificar a razão do movimento e da organização, dos processos biológicos e de todos os fenômenos a que fica sujeita. Sendo o homem uma matéria organizada, sua filosofia rompe com o dualismo mente-corpo, define um pensamento pautado na suficiência da matéria para justificar a vida e, por conseguinte apontar um sentimento que seria inoportuno, um preconceito fortemente arraigado, como o remorso.

² Tradução minha, assim como nas demais citações onde os originais estão em língua estrangeira.

O estudo de sua obra fomenta o interesse em, ao abarcar a filosofia francesa do século XVIII, compreender como a defesa de uma matéria organizada pôde resultar em um ateísmo fomentado no conhecimento dessa organização bem como de uma ética descrita por ele de modo a oferecer junto ao tema um viés pertinente no que compete a ideia de uma ética pautada na unidade da matéria.

O homem como uma máquina

Em seu livro *O Homem Máquina*, texto de 1747, descreve a tese central de sua filosofia, a saber, que funcionamos tal como uma máquina e que, portanto, a felicidade decorre de seu bom funcionamento. Sendo assim, o materialismo descrito em sua obra enfatiza de maneira radical que a possibilidade de felicidade consiste em conhecer e primar pelo bom estado da matéria.

Essa obra, compreende um complemento de *História Natural da Alma*, texto de 1745 onde o filósofo apresentou as opiniões filosóficas partindo da natureza humana e dos sentidos como fonte de conhecimento, corroborando a tese da matéria como o princípio ativo de onde resulta a felicidade. Nele, há uma negação radical diante o argumento da alma ser imaterial. O reconhecimento do ser sensível como somente matéria e o conhecimento resultado da operação de seus sentidos predominam. Esse argumento aparece declarado em *O Homem Máquina*, onde a ruptura com a imaterialidade da alma se declara com evidência. “É em *O Homem-Máquina* que ele demonstra sem reticências e sem rodeios as relações e a dependência absoluta que existe entre os órgãos e o ser supostamente espiritual e imaterial que os filósofos decoram com o nome pomposo de alma”. (QUÉPAT, 1873, pp.119-120).

Em *História Natural da Alma*, La Mettrie justifica a fisiologia das funções intelectuais como resultantes de uma função natural, igualando para tanto, a alma às demais partes que compõem o corpo, desse modo operando em uma combinação de um lado, do animal como uma máquina, de Descartes e por outro, da força das impressões sensoriais da produção de conhecimento, tal como descrita pelo empirismo de Locke. Com isso, “La Mettrie pratica uma história natural da alma e uma história natural do homem, naturalizando o princípio interior e espiritual, desmonta os mecanismos da consciência”. (MARKOVITS, 2006, p.4).

O percurso de sua filosofia certamente resulta em romper efetivamente com a imaterialidade atribuída a alma. Para alcançar seu propósito, concentrou-se em três pontos fundamentais: o fisiológico, o psicológico e o moral. Respectivamente nas obras: *O*

Homem Máquina, O Homem Planta no campo fisiológico, *A História Natural da Alma*, no campo psicológico e o moral, nas obras: *Discurso Sobre a Felicidade, A Arte de ter Prazer e O Sistema de Epicuro*. A ruptura com o dualismo mente-corpo é fundamental, pois dela decorre toda a argumentação de tomar a matéria como o princípio ativo, compreendendo para tanto a materialidade da alma em seu pensamento. Sendo parte do corpo, a alma não seria compreendida como imperativo para o movimento do corpo. Assim apontou em *História Natural da Alma*: “ A monarquia da alma é apenas uma quimera. Há mil movimentos no corpo, cuja alma não é nem mesmo a causa condicional”. (LA METTRIE, 1987, p.187). Sua sistematização filosófica, refuta a metafísica tradicional a partir do conhecimento das faculdades do corpo e de sua organização, considerando uma base prática e concreta para reconhecer a verdade que ele demonstra como evidência para seu bom funcionamento. Desse modo, é possível apreender que, apesar de usar o termo *alma*, o médico filósofo a toma como parte do corpo e por isso, age e descansa como ele, sem ter uma função imaterial outrora reconhecida. Ademais, cumpre enfatizar, a alma necessita ser afetada pelos sentidos, para que possa se mover, sem ao qual ela, tal como todas as demais partes do corpo, experimenta a condição, ainda que momentânea de desligamento, de descanso ou mesmo, deixa de existir com ele.

Nas sensações residem o propósito da vida humana, a partir delas é possível, para o percurso materialista, tomar o prazer como referente ao que agrada o corpo, que causa deleite. A máquina corporal seria então compreendida a partir do elementar o papel conferido à experiência. Certamente que seus conhecimentos como médico lhe permitiram tomar as funções físicas e as influências do clima, da alimentação e do sono como elementos aos quais o corpo seria afetado sem nenhuma distinção com a alma que seria ao mesmo tempo, afetada por tais causas. A ruptura operada pelo filósofo com o dualismo mente corpo de Descartes, parte da supremacia dos sentidos no processo de conhecimento sobre o corpo, sem recorrer por isso a um a priori no que se refere a natureza humana. Assim:

O homem é uma máquina composta de tal forma que se torna impossível ter-se dele, à primeira vista, uma ideia clara – e consequentemente defini-lo. Por isso mesmo todas as observações que os nossos maiores filósofos fizeram a priori – isto é, querendo servir-se, por assim dizer, das asas do espírito – foram vãs. Sendo assim, só a posteriori, como se procurássemos desenredar a alma dos órgãos do corpo, se pode, não digo descobrir com evidência a natureza do homem, mas alcançar o maior grau de probabilidade possível sobre este assunto. (LA METTRIE, 1982, p.52).

A passagem acima demonstra a efetividade dos sentidos na evidência do conhecimento humano. Ademais, corrobora a argumentação da materialidade como condição elementar de existência da máquina, sem que para tanto requeira um atributo alheio a ela. O corpo seria tão somente a realidade pela qual o intento de felicidade se realiza. Desse modo, o conhecimento do ser estaria na matéria e sua organização, bem como no modo como uma máquina seria afetada pelo clima, pelos humores, pela alimentação, fundamentais sua felicidade que, alheia aos preceitos morais, precisa compreender que “o bem e o mal não existem, que o pecado é uma intervenção dos padres”. (THOMSON, 1987, p.23).

Diante dos efeitos das interferências externas que encontramos a diversidade de seres que compõem a natureza. Por isso que “A verdade é que a melancolia, a bÍlis, a fleuma, o sangue, etc., segundo a sua natureza, a abundância ou a diferente combinação destes humores, fazem de cada homem um homem diferente”. (LA METTRIE, 1982, p.53).

Da influência do que é externo ao ser: a alimentação, o clima, as relações humanas, resulta a diferença entre as pessoas. Por isso que, o efeito causado por certas substâncias altera e molda o caráter e comportamento, atuando muitas vezes como remédio para determinadas dores, ao passo que pode corroborar a um estado de felicidade.

Do remorso

Senso a felicidade o propósito da vida humana, então da máquina corporal, cumpre refletir sobre o papel desempenhado pelas virtudes morais, pois elas atuam diretamente no corpo, ora permitindo ora ofuscando o ímpeto de felicidade, impetrando uma força que, exterior a ele, participa em sua felicidade.

Há uma pertinente reflexão sobre o sentimento do remorso, ao qual me debruço daqui por diante. Pois me parece oferecer uma reflexão que se altera ao longo dos textos³, demonstrando a eficácia do sentimento que primeiro ele reconhece ser da infância e levado para toda a vida. Em *L'Art de Jouir*, em uma ironia característica de seus textos

³ Há uma análise sobre a dificuldade em atribuir determinada corrente como efetiva ou mesmo uma postura definitiva no pensamento de La Mettrie, realizada por Francine Markovits em “La Mettrie, L’anonyme et le sceptique”. La Mettrie opera diante de hipóteses, nos textos que oferecem teses que por vezes o próprio autor busca refutar. Assim não há uma defesa de uma doutrina, mas no conjunto, uma obra eclética. “E esse ecletismo não tem o sentido pejorativo de um oportunismo porque é uma *teoria* de situações e disposições”. Cf. Markovits, Francine. **La Mettrie, L’anonyme et le sceptique**. In: Corpus, Revue de Philosophie – 5/6 – La Mettrie, 1987.

ele perguntou: “Oh Deus! Uma alma bem nascida pode se perder a si mesma? Oh Vênus! Por quê sou destinado a ser sua presa, como do remorso?” (LA METTRIE, 1987, p.308).

O sentimento do remorso seria inculcado na infância, fase da vida que para o filósofo não seria a idade permanente para a humanidade. Sua pergunta feita acima mostra a sujeição ao remorso, como se lhe fosse impossível não ter sido afetado por ele. Seria no entanto, a saída da infância a possibilidade de extirpar um sentimento que sob sua ótica, tende a denegrir a existência em lugar de enaltecê-la e fomentar sua felicidade. Sendo assim um sentimento infantil, qual seria efetivamente a sua base? Em *Anti-Sêneca ou Discurso Sobre a Felicidade*, texto de 1748, escreveu:

Retrocedamos para a nossa infância – nós temos muito pouco a fazer por ela – e acharemos que ela é a época dos remorsos. Primeiro era apenas um simples sentimento, recebido sem exame e sem escolhas, e que tão fortemente se gravou no cérebro como um carimbo numa cera mole. A paixão, amante soberana da vontade, pode bem asfixiar este sentimento por um tempo, mas ele reaparece quando ela cessa, e, sobretudo, quando a alma rendida à ela mesma reflete a sentido frio, pois estão os primeiros princípios que formam a consciência, dos quais ela foi imbuída, retornam, e isto é o que se chama remorso, cujos efeitos variam ao infinito. (LA METTRIE, 2013, p. 87-88).

Recebido sem exame e com o entendimento receptor, o remorso constitui um entrave nas ações humanas, pois não tem forças para impedir uma ação, interfere causando um temor, quando não um simples receio, um medo, sobre a ação praticada. Por ter sido inculcado na infância, o remorso seria uma ideia difícil de se romper, tal como um preconceito ou uma superstição. Por ser desnecessário, não resulta em boas sensações, atrapalhando a felicidade da máquina corporal.

O remorso é desnecessário para impedir uma ação. Ele só leva ao sofrimento psicológico, como culpar das ações que foram incapazes de evitar. Então, se socialmente é preciso punir os criminosos para preservar a ordem social, no plano individual e médico deve ajudar os homens liberando-os do remorso”. (THOMSON, 1987, p.23).

Um sentimento cujo efeito seria impedimento para a felicidade, então um preconceito a ser reconhecido como prejudicial. Ele não tem força para, mais uma vez, impedir a ação, fazendo muito, quando age, em interferir na felicidade com seus efeitos negativos para ela. No âmbito do desejo, ele continuaria latente, sofrendo as interferências do remorso. Essa fragilidade deveria então ser definitivamente eliminada do entendimento, pois sem incorrer a algo positivo, apenas faz diminuir os efeitos de determinada ação.

Se a máquina existe enquanto em movimento, pois nisso consiste sua felicidade, e nas ações é compreendida a própria organização da máquina e da interferência permanente dos sentidos, o remorso constituiria um inimigo para a liberdade.

La Mettrie denuncia isso claramente afirmando que, quando alguém se abstém de mil coisas quando não pode (por remorsos que daí advirão), nem por isso deixa de desejar e querer da mesma forma que quando respeita a lei por medo das consequências. Mas a grande diferença está aí: a lei tem um efeito tangível que inibe a busca do prazer. O remorso só tem efeito para quem acredita, e não tem efeito tangível algum. O remorso é puramente imaginário, e só serve para bloquear o prazer e a felicidade. (MONZANI, 2013, p. 49).

Um sentimento negativo para a felicidade individual, visto serem seus efeitos, como já mencionados, danosos e por isso, desnecessário para o propósito de felicidade. Estaria no próprio indivíduo esse sentimento antigo, pois recebido na infância, mas que sempre se faz presente diante das ações a serem tomadas. Assim, o remorso deveria ser eliminado do entendimento de maneira efetiva, mas dada a sua dificuldade em fazê-lo, seria condição também da saída da infância a sua superação. A felicidade almejada seria mais facilmente alcançada se superado tal sentimento que, inibidor somente, não pode impedir, mas age sob a égide da punição, enfraquecendo as inclinações individuais.

Ora, se o remorso consiste em um sentimento apreendido na infância, e mesmo sem poder impedir uma ação, incorre em um efeito negativo ao indivíduo, por onde se aprenderia qual ação seria boa para então poupar o indivíduo do remorso? Mas, em *O Homem Máquina*, o filósofo se refere a lei natural, que “É um sentimento que nos ensina o que não devemos fazer por meio daquilo que também não gostaríamos que nos fizessem”. (LA METTRIE, 1982, p.78). Seria então pensar na referida obra que haveria um princípio norteador da vida humana, que antecede toda experiência dos sentidos e os efeitos da educação? Pois desse modo o sentimento do remorso estaria no próprio indivíduo, quando após praticar determinada ação, lhe viria a tona com seus efeitos.

A lei natural permitiria apreender um princípio inerente ao ser e, portanto, independente da ação exterior, ao passo que tomar o remorso, efeito de uma ação que, benéfica ao indivíduo, como adquirido, seria melhor compreendido como um modo artificial de tomar a punição ou o apagamento de certas ações.

Nos perguntamos então que critério vai escolher os homens para julgar suas ações e as relatar do ponto de vista da moral pura, bom ou mal, muitos concordam escolher a noção de utilidade para a sociedade; tudo o que é útil é virtude: não resolve a questão, mas simplesmente reverte o obstáculo. (BOISSIER, 1931, p.149).

Ora, no pensamento do médico-filósofo, o remorso, tal como apontou em *Anti-Sêneca ou Discurso Sobre a Felicidade*, seria uma ideia apreendida na infância e teria muita força em determinados indivíduos, o que compreende considerar a organização física de cada um e os efeitos da experiência dos sentidos, e mais fraca em outros, devido aos mesmos fatores.

O corpo enquanto uma máquina seguiria tão somente a natureza de sua organização e os efeitos da experiência para sua felicidade. Desse modo, não poderia lamentar ou mesmo, arrepender-se das ações que poderiam lhe proporcionar a felicidade. A causa física e a organização da máquina determinam as suas inclinações, de onde os efeitos da moral e da educação atuam *a posteriori*, sem, contudo, lograr êxito em todas as situações. Cumpre efetivamente considerar os elementos que compõem o corpo enquanto uma máquina: sua fisiologia, organização e inclinações, de onde decorre seu propósito de felicidade. A ação realizada pela máquina a remete à paz, de modo que, mais uma vez, o sentimento do remorso não teria nenhuma pertinência, pois faria tão somente, em tentar enfraquecer seus efeitos, sem, contudo, impedir sua ocorrência.

A ação praticada seria oportuna para o indivíduo somente. Somente àquele corpo determinada ação poderia incorrer a algo positivo, destituído, no entanto, os referenciais morais da vida em sociedade como medidores para tal ação. Assim,

Não havendo referências morais naturais, 'bem' e 'mal' não têm qualquer sentido absoluto no reino natural, e ele poderia falar sobre se esse homem é mal, ou seja, amoral (não imoral). Se, apesar de tudo, La Mettrie continuou usando tais termos, é em sentido relativo, na medida em que a sociedade denomina bem ou mal a quem respeita ou viola, respectivamente, seus códigos que, como tudo sobre a sociedade é relativo e alterável, de acordo com os interesses dominantes. (CORDERO DEL CAMPO, 2003, p.237).

Desse modo, a ação que acarreta na felicidade permitiria a máquina corporal a paz resultante, um efeito positivo diante a tranquilidade da ação praticada e sem remorsos. A ação amoral seria, portanto, a evidência de que o remorso não poderia compor a organização da máquina corporal e se haveria dificuldade em eliminá-lo, junto a outros preconceitos, se deve certamente ao momento em que foram inculcados sem nenhum exame e propostos como verdade indubitável. Se em dado momento tomou o sentido de uma lei natural a compor todos os seres, por outro toma o remorso um aprendizado recebido na infância, isso não interfere no cerne da argumentação de não haver

precedentes para o sentimento de remorso, mas antes, uma variação em sua tese que invalida o remorso em toda situação.

Enquanto em *O Homem-Máquina* o remorso foi considerado uma resposta automática a uma violação do sentido natural do certo e do errado, o *Discurso sobre a Felicidade* o considera uma reação não natural inculcado durante os primeiros anos da infância. Uma vez que nossos desejos e a conduta, determinados como são pelo organismo, não podem, de qualquer modo, ser escolhidos livremente, não há justificativa racional para o remorso. (VARTANIAN, 1960, p.52).

Resta somente ser o remorso um sentimento artificial, com propósito definido de impedir algo e quando não o pode fazê-lo, inculcar outros sentimentos decorrentes, como a culpa e o medo das consequências de uma ação que não poderia ser evitada. Sendo um sentimento adquirido, pela experiência, pela educação, o remorso seria então um sentimento alheio a natureza e sua organização.

Considerando a organização da máquina corporal e o propósito de felicidade, La Mettrie empreendeu uma filosofia que toma o indivíduo sem a tutela das imposições exteriores à ele, enaltecendo a realidade concreta da realização de ações que primem por sua felicidade e bem estar. A base estaria na organização de cada corpo e da experiência atuando nele. Sua moral é uma

Moral otimista que não opõe a alma do corpo. Sua fisiologia e psicologia mostram sua unidade, a continuidade das necessidades, dos desejos, das ações, das ideias e dos sentimentos. Elas não opõem o indivíduo à sociedade – o homem é naturalmente bom, quando a sociedade não o deforma por uma educação de escravos. (TISSERAND, 1954, p.35).

Há o empenho em realizar uma filosofia que possa superar o obscurantismo de uma época, reconhecendo as peculiaridades individuais como primordiais para a felicidade. Ao tomar o corpo como uma máquina, oferece uma reflexão oportuna sobre a felicidade que, a despeito da organização do corpo e dos efeitos causados pelos fatores externos resultam em uma ideia de felicidade que somente pode ser experimentada por cada um, com sua própria máquina e disposição para determinadas ações.

Conclusão

A felicidade individual descrita por La Mettrie, resultado de suas sensações, não culmina em uma ruptura com o espaço social, mas antes, em considerar as ações que resultem na felicidade possível, a da máquina corporal. A moral da natureza descrita por

ele resulta na necessidade de eliminar efetivamente o remorso, que pode, ainda que, como apontado acima, não possa evitar uma ação, pode lhe interferir enfraquecendo sua positividade.

Em tomar a matéria como única realidade existente, há uma filosofia de cunho prático, onde o propósito de felicidade alcança êxito no bom funcionamento do corpo e suas atribuições. Reduzir alma e corpo a uma única substância lhe permitiu realizar, a partir das necessidades do corpo, uma filosofia que descreve a felicidade individual como a única possível a se realizar. Ademais, extirpar o remorso, o sentimento adquirido na infância, permite ao indivíduo a felicidade objeto de sua ação. No corpo se realiza essa possibilidade e somente nele reside os efeitos das ações praticadas. Por isso, “Para La Mettrie, o desejo tem efeito no reconhecimento de si e do outro como máquinas: se colocar como desejo implica o reconhecimento do outro como desejo”. (ASSOUN, 1981, p. 106). Pertencer a um corpo com uma organização única implicaria certamente reconhecer que ele se destinaria ao bem-estar e que cada corpo teria um modo ímpar de alcançar a felicidade.

Ademais, em considerar o sentimento do remorso um efeito da experiência, resultando em um preconceito para o corpo, o filósofo opera, tal como realizou com seu processo de naturalizar a alma, tomar o remorso como um elemento exterior e sem função para a felicidade. Tomar o corpo como uma máquina e a matéria como a realidade possível lhe permitiu: “a desmistificação do remorso e da consciência como preconceitos de educação”. (MARKOVITS, 2011, p.251). Dessa maneira, cumpriria ao filósofo destituir os preconceitos e as superstições. Pois se a infância, como o próprio filósofo descreveu, foi a época dos remorsos, não poderia ser ela o lugar de morada da máquina destinada à felicidade.

Referências Bibliográficas

ASSOUN, Paul-Laurent. **Lire La Mettrie**. In: La Mettrie – L’Homme-Machine. Paris: Denoël, 1981.

BOISSIER, Raymond. **La Mettrie – Médecin, Pamphlétaire et Philosophe (1709-1751)**. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

CORDERO DEL CAMPO, Miguel Angel. **Materialismo y Voluptuosidad en la Filosofía de Julien O. de La Mettrie**. León: Universidad Secretariado de Publicaciones y Medios Audiovisuales, 2003.

O REMORSO NO PENSAMENTO DE LA METTRIE

Elizângela Inocência Mattos

____. **Le Philosophe Selon La Mettrie.** In: Dix-Huitième Siècle: Revue Annuelle. Paris: Garnier, 1969, pp.161-178.

LA METTRIE. **O Homem Máquina.** Tradução de António Carvalho. Introdução e notas de Fernando Guerreiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

____. **Oeuvres Philosophiques.** Tome I et II. Paris: Fayard, 1987.

____. **Anti-Sêneca ou Discurso Sobre a Felicidade.** Tradução de Arthur Araújo. In: Francisco Verardi Bocca e Arthur Araújo (orgs.) **La Mettrie ou a filosofia marginal do século XVIII.** PR: Curitiba: CRV, 2013.

MARKOVITS, Francine. **La Mettrie, L’anonyme et le Sceptique.** In: Corpus, Revue de Philosophie – 5/6 – La Mettrie, 1987.

____. **La Mettrie et le Theme de l’Histoire Naturelle de L’homme.** In: Matérialistes Français du XVIII Siècle. Paris: Puf, 2006.

____. **Le Décalogue Sceptique.** L’universel en question sur temps des lumières. Paris: Éditions Hermann, 2011.

MONZANI, Luiz Roberto. **Sade – ou a individualidade desejanete.** In: Francisco Verardi Bocca e Arthur Araújo (orgs.) **La Mettrie ou a filosofia marginal do século XVIII.** PR: Curitiba: CRV, 2013.

QUÉPAT, Nérée. **Essai sur La Mettrie Sa Vie et Ses Oeuvres.** Paris: Librairie des Bibliophiles, 1873.

THOMSON, Ann. **La Mettrie ou la Machine Infernale.** In: Corpus, Revue de Philosophie – 5/6 – La Mettrie, 1987.

TISSERAND, Marcelle. **La Mettrie Moraliste.** In: La Mettrie, Textes Choisis. Paris: Éditions Sociales, 1954.

VARTANIAN, Aram. **Introductory Monography.** In: La Mettrie’s L’Homme Machine. A Study in the Origins of an Idea. Princeton University Press, 1960.